

Contos
Selecionados

PÁSSAROS NA BOCA

SAMANTA SCHWEBLIN

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PÁSSAROS NA BOCA

SAMANTA SCHWEBLIN

Tradução

Joca Reiners Terron

Benvirá

Irman

Oliver dirigia. Eu sentia tanta sede que começava a ficar enjoado. A parada que encontramos estava vazia. Era um bar amplo, como tudo no campo, com as mesas cheias de migalhas e garrafas, como se um batalhão houvesse acabado de almoçar e não tivesse havido tempo para limpar. Escolhemos um lugar próximo à janela. Sobre o balcão havia um ventilador em pé do qual não chegavam nem notícias. Precisava tomar alguma coisa com urgência. Oliver sacou um menu de outra mesa e leu em voz alta as opções que lhe pareciam interessantes. Um homem apareceu atrás da cortina de plástico. Era muito baixinho. Usava um avental amarrado à cintura e um trapo escuro de tão sujo pendurado no braço. Embora parecesse ser o garçom, demonstrava desorientação, como se alguém o tivesse colocado ali repentinamente e agora ele não soubesse muito bem o que devia fazer. Caminhou até nós. Cumprimentamos; ele apenas assentiu. Oliver pediu as bebidas e fez uma piada sobre o calor, mas não conseguiu que o sujeito abrisse a boca. Tive a sensação de que lhe faríamos um favor se escolhêssemos algo simples. Perguntei então se havia algum prato do dia, algo fresco e rápido, e ele disse que sim e se retirou, como se algo fresco e rápido fosse uma opção do menu e não restasse nada mais a dizer. Regressou à cozinha e vimos sua cabeça aparecer e desaparecer nas janelas que davam para o balcão. Olhei para Oliver, sorria; eu estava com sede demais para rir. Passou um tempo, muito mais tempo do que se leva para escolher duas garrafas geladas de qualquer coisa e trazê-las até a mesa, e afinal o homem apareceu outra vez. Não trazia nada, nem um copo. Eu me senti péssimo; pensei que se não bebesse algo naquela hora ficaria louco, e o que acontecia ao sujeito? Qual era a dúvida? Parou junto à mesa. Tinha gotas na testa e manchas e auréolas na camisa, sob as axilas. Fez um gesto com a mão, confuso, como se fosse dar alguma explicação, mas a interrompeu. Perguntei-lhe o que acontecia, suponho que num tom meio violento. Então se virou para a cozinha e depois, esquivo, disse:

– É que não alcanço a geladeira.

Olhei para Oliver. Oliver não pôde conter a risada e isso piorou meu humor.

– Como não alcança a geladeira? E como atende as pessoas, porra?

– É que... – limpou a testa com o trapo. O sujeito era um desastre – minha mulher é quem pega as coisas na geladeira – disse.

– E...? – tive vontade de bater nele.

– Está no chão. Caiu e está...

– Como no chão? – interrompeu Oliver.

– É, não sei. Não sei – repetiu, levantando os ombros, as palmas da mão viradas para cima.

– Onde ela está? – perguntou Oliver.

O sujeito apontou a cozinha. Eu só queria algo gelado e ver Oliver levantar acabou com todas as minhas esperanças.

– Onde? – voltou a perguntar Oliver.

O sujeito apontou outra vez a cozinha e Oliver se afastou nessa direção, voltando-se uma e outra vez para nós, meio desconfiado. Foi estranho quando desapareceu detrás da cortina e me deixou sozinho, frente a frente com semelhante imbecil.

Tive de me esquivar para conseguir passar quando Oliver me chamou da cozinha. Caminhei rapidamente porque previ que alguma coisa estava acontecendo. Corri a cortina e entrei. A cozinha era pequena e estava repleta de caçarolas, panelas, pratos e coisas empilhadas nas prateleiras ou penduradas. Estirada no chão, a alguns metros da parede, a mulher parecia um monstro marinho deixado pela maré. Segurava com a mão esquerda uma concha de plástico. A geladeira estava pendurada mais acima, na altura dos armários. Era uma dessas geladeiras de lanchonete, de portas transparentes, que ficam sobre o piso e são abertas pela parte de cima, só que esta havia sido ridiculamente presa à parede com suportes, seguindo a linha dos armários e com as portas para a frente. Oliver me olhava.

– Bem – disse –, já que veio até aqui, agora faça alguma coisa.

Escutei a cortina de plástico se movendo e o homem parou perto de mim. Era muito menor do que parecia. Acho que eu o ultrapassava em três cabeças. Oliver se agachou junto ao corpo,

mas não se animava a tocá-lo. Pensei que a gorda podia despertar a qualquer momento e começar a gritar. Tirou-lhe os cabelos da cara. Os olhos permaneciam fechados.

– Ajudem a virá-la – ordenou Oliver.

O sujeito nem se mexeu. Cheguei mais perto e me agachei do outro lado, porém mal conseguimos movê-la.

– Não vai ajudar? – perguntei.

– Tenho a impressão – disse o desgraçado – de que ela está morta.

Soltamos imediatamente a gorda e a ficamos observando.

– Como, morta? Por que não disse que estava morta?

– Não tenho certeza, é só impressão.

– Disse “tenho a impressão” – disse Oliver –, e não que “é só impressão”.

– Tenho a impressão de que é só impressão.

Oliver olhou para mim; sua cara dizia algo como “vou dar umas porradas nesse cara”.

Eu me agachei e tentei sentir o pulso na mão que segurava a concha. Quando Oliver se cansou de esperar, pôs os dedos na frente do nariz e da boca da mulher e declarou:

– Esta aqui está mortíssima, vamos embora.

E daí, sim, o desgraçado se desesperou.

– Como assim, vão embora? Não, por favor. Não posso com ela sozinho.

Oliver abriu a geladeira, tirou dois refrigerantes, me deu um e saiu da cozinha xingando. Fui atrás dele. Abri minha garrafa e acreditei que o gargalo nunca chegaria à minha boca. Tinha esquecido da sede que estava sentindo.

– E aí, o que acha? – perguntou Oliver. Respirei aliviado. Logo me senti com dez anos a menos e com melhor humor. – Caiu ou foi derrubada? – continuou. Ainda estávamos perto da cozinha e Oliver não baixava a voz.

– Não acredito que tenha sido ele – respondi em voz baixa. – Precisava dela pra alcançar a geladeira, não?

– Ele alcança sozinho...

- Acredita realmente que a matou?
- Pode usar uma escada, subir na mesa, tem cinquenta cadeiras no bar... – respondeu, apontando ao redor. Parecia que falava alto de propósito, então baixei mais a voz.
- Talvez seja um pobre coitado. Talvez seja realmente estúpido e agora está sozinho com a gorda morta na cozinha.
- Você quer que o adotemos? Carregamos ele atrás e o soltamos quando chegarmos.

Dei mais uns goles e fiquei olhando a cozinha. O infeliz estava parado em frente à gorda e sustentava um banco no ar, sem saber muito bem onde colocá-lo. Oliver me fez um sinal para que voltássemos a nos aproximar. Vimos quando ele deixou o banco de lado, pegou um braço da gorda e começou a puxar. Não conseguiu movê-la nem um centímetro. Descansou uns segundos e tentou de novo. Procurou apoiar o banco sobre uma das pernas, um dos pés tocando o joelho. Subiu e se esticou o máximo que pôde em direção à geladeira. Agora que a alcançava na altura, o banco ficava muito distante. Quando girou em nossa direção para descer, nos escondemos e ficamos sentados no chão, contra a parede. Surpreendeu-me que não houvesse nada debaixo da bancada do balcão. Escutamos enquanto ele movia o banco. Suspirava. Houve silêncio e esperamos. Logo apareceu atrás da cortina. Sustentava uma faca com gesto ameaçador, porém quando nos viu pareceu ficar aliviado, e voltou a suspirar.

- Não alcanço a geladeira – disse.
- Nem nos levantamos.

- Não alcança lugar nenhum – disse Oliver.

O sujeito ficou olhando para ele como se o próprio Deus estivesse parado diante dele para lhe mostrar a razão pela qual estamos neste mundo. Deixou cair a faca e percorreu com o olhar a parte de baixo da bancada vazia. Oliver estava satisfeito: o sujeito parecia transpor os limites da estupidez.

- Olhe só, prepare uma omelete para a gente – disse Oliver.

O homem se voltou rumo à cozinha. Seu rosto imbecilizado pelo estupor refletia os utensílios, as caçarolas, quase toda a cozinha

pendurada nas paredes ou sobre as prateleiras.

– Ok, melhor não – disse Oliver. – Faça uns sanduíches simples, com certeza isso você pode fazer.

– Não – disse o sujeito –, não alcanço a tostadeira.

– Não precisa tostar, já percebi que não posso lhe pedir tanto. Só traga o presunto, o queijo e um pedaço de pão.

– Não – disse –, não – voltou a repetir, negando com a cabeça; parecia envergonhado.

– Ok, então traga um copo d’água.

Negou-se.

– E como caralho conseguiu atender este regimento? – perguntou Oliver, apontando as mesas.

– Preciso pensar.

– Não precisa pensar, o que precisa é de um metro a mais de altura.

– Não consigo sem ela...

Pensei em lhe trazer algo gelado, pensei que beber alguma coisa lhe cairia bem, porém, quando tentei me levantar, Oliver me deteve.

– Ele tem de fazer sozinho – disse –, tem de aprender.

– Oliver...

– Diga algo que consegue fazer, uma coisinha, algo.

– Levo e trago a comida que me dão, limpo as mesas...

– Não parece – disse Oliver.

– ...posso misturar as saladas e temperá-las se ela me deixa tudo pronto sobre a bancada. Lavo os pratos, limpo o piso, sacudo os...

– Ok, ok. Já entendi.

Então o sujeito permaneceu olhando para Oliver, como que surpreendido:

– Você... – disse – você pode alcançar a geladeira. Poderia cozinhar, alcançar as coisas para mim...

– O que está dizendo? Ninguém vai alcançar as coisas para você.

– Mas você podia trabalhar, tem a altura – deu um passo tímido em direção a Oliver, que a mim não pareceu muito prudente –, eu lhe pagaria – continuou.

Oliver se virou para mim.

– Este imbecil está tirando uma com a minha cara, está tirando uma com a minha cara.

– Tenho dinheiro. Quatrocentos por semana? Posso lhe pagar. Quinhentos?

– Paga quinhentos por semana? E por que não tem um palácio ali no fundo? Puta imbecil...

Eu me levantei e parei atrás de Oliver, que ia dar-lhe uma porrada a qualquer momento; creio que era detido apenas pela altura do sujeito.

Vimos o infeliz cerrar os pequenos punhos como que compactando uma massa invisível que pouco a pouco se reduzia entre seus dedos. Os braços começaram a tremer. Ficou roxo.

– Meu dinheiro não lhe diz respeito.

Oliver voltou a olhar para mim a cada vez que o outro lhe dizia algo, como se não pudesse acreditar no que estava vendo. Parecia se divertir, mas ninguém o conhece melhor que eu: ninguém diz a Oliver o que ele deve fazer.

– E pela caminhonete que tem – disse o sujeito, olhando para a estrada –, pela caminhonete que tem eu diria que uso o dinheiro melhor que você.

– Filho da puta – respondeu Oliver, e se lançou sobre ele. Consegui segurá-lo. O sujeito deu um passo para trás, sem medo, com uma dignidade que lhe conferia um metro a mais de altura, e esperou que Oliver se acalmasse. Eu o soltei.

– Ok – disse Oliver. – Ok.

Ficou olhando para ele; estava furioso, porém havia algo a mais em sua calma contida, e então disse:

– Onde está a grana?

Olhei para Oliver sem entender.

– Vai me roubar?

– Vou fazer o que me der na telha, monte de merda.

– Que é isso? – perguntei.

Oliver deu um passo, pegou o sujeito pela camisa e o levantou no ar.

– Onde está sua grana?

A força com que Oliver o levantara o fazia oscilar um pouco para os lados. Porém, ele o olhava diretamente nos olhos, e não abria a boca.

Oliver soltou-o. O sujeito caiu, arrumou a camisa.

– Ok – disse Oliver. – Ou você traz a grana ou quebro sua cara.

Levantou o punho bem fechado e o deixou a um centímetro do nariz do sujeito.

– Está bem – disse o sujeito; deu um passo para trás, lentamente. Cruzou o balcão em sentido contrário à cozinha e desapareceu por uma porta.

– Um completo imbecil – disse Oliver.

Eu me aproximei de Oliver para que o sujeito não escutasse.

– O que você está fazendo? Tem uma mulher morta na cozinha, vamos nessa.

– Viu o que ele falou da minha caminhonete? O imbecil quer me contratar, ser meu chefe, compreende?

Oliver começou a revisar as prateleiras do balcão, a tirar garrafas, caixas, papéis.

– Esse imbecil deve ter dinheiro por aqui.

– Oliver, vamos embora. Você já está quite.

Encontrou uma caixa de madeira; era uma caixa velha com uma gravação à mão que dizia “Habanos”.

– Esta é a caixa – disse Oliver.

– Caíam fora – ouvimos.

O sujeito estava parado no meio da sala e segurava uma escopeta de cano duplo que apontava diretamente para a cabeça de Oliver. Oliver escondeu a caixa atrás de si. O sujeito destravou a arma e disse:

– Um.

– Já vamos –, disse, peguei Oliver pelo braço e comecei a caminhar. – Desculpe, realmente desculpe. E sinto muito por sua mulher também, eu...

Tinha de fazer força para que Oliver me seguisse, como as mães que puxam meninos manhosos.

– Dois.

Passamos perto dele, a escopeta a um metro da cabeça de Oliver.

– Sinto muito – voltei a dizer.

Já estávamos próximos da porta. Fiz com que Oliver saísse primeiro para que o sujeito não visse que levava a caixa.

– Três.

Soltei Oliver e corri para a caminhonete. Não sei se ele teve medo ou não, mas não correu. Subiu na caminhonete, deixou a caixa sobre o assento, ligou o motor, e saímos na direção da qual tínhamos vindo.

– Abra – mandou.

– Oliver...

– Abra, boiolão.

Peguei a caixa. Era leve e pequena demais para conter uma fortuna. Tinha uma chave de enfeite, como de cofre. Abri-a.

– O que tem aí? Quanto? Quanto?

– Dirija. Acho que são só papéis.

Oliver se virava de quando em quando para espiar o que eu olhava. Havia um nome gravado na tampa de madeira, "Irman", e embaixo havia uma foto do sujeito muito jovem, sentado sobre umas malas num terminal; parecia feliz. Perguntei a mim mesmo quem teria tirado a foto. Também havia cartas encabeçadas com seu nome: "Querido Irman", "Irman, meu amor", poesias assinadas por ele, uma bala de menta transformada em poeira e uma medalha de plástico ao melhor poeta do ano, com o brasão de um clube social.

– Há dinheiro? Sim ou não?

– São cartas – respondi.

Com uma só patada, Oliver me tirou a caixa e a jogou pela janela.

– O que você está fazendo? – eu me virei um segundo para ver as coisas já esparramadas pelo asfalto, alguns papéis ainda voando pelo ar.

– São cartas – disse.

E um tempo depois:

– Olha só... A gente tinha de ter parado aqui. "Leitão à vontade", você leu? Que custava? – e se sacudiu inquieto no assento, como se realmente lamentasse aquilo

Na estepe

A vida na estepe não é fácil; qualquer lugar se encontra a horas de distância, e não há outra coisa para ver além dessa grande mata de arbustos secos. Nossa casa fica a vários quilômetros do povoado, mas tudo bem: é cômoda e tem tudo de que necessitamos. Pol vai ao povoado três vezes por semana, envia às revistas de agricultura suas notas sobre insetos e inseticidas e faz as compras de acordo com as listas que preparo. Nessas horas em que ele não está, prossigo com uma série de atividades que prefiro fazer sozinha. Acho que Pol não gostaria de saber disso, porém, quando se está desesperado, quando se chegou ao limite, como nós, então as soluções mais simples, como as velas, os incensos e qualquer conselho de revista parecem opções razoáveis. Como existem muitas receitas para a fertilidade, e nem todas tão confiáveis, aposto nas mais verossímeis e sigo rigorosamente seus métodos. Anoto no caderno qualquer detalhe pertinente, pequenas mudanças em Pol ou em mim.

Escurece tarde na estepe, o que não nos deixa muito tempo. Tudo deve estar preparado: as lanternas, as redes.

Pol limpa as coisas e espera chegar a hora. Isso de tirar a poeira para sujar tudo um segundo depois dá certo aspecto de ritual ao assunto, como se antes de começar já se estivesse pensando na forma de fazê-lo cada vez melhor, revisando atentamente a rotina dos últimos dias para encontrar qualquer detalhe que possa ser corrigido, que nos leve a eles, ou ao menos a um deles: o nosso.

Quando estamos prontos, Pol me passa a jaqueta e o cachecol, eu o ajudo a calçar as luvas e cada um pendura sua mochila no ombro. Saímos pela porta dos fundos e caminhamos campo adentro. A noite é fria, porém o vento se abranda. Pol vai na frente, ilumina o solo com a lanterna. Mais adiante o campo se afunda um pouco em longas colinas; avançamos em direção a elas. Nessa zona os arbustos são pequenos, quase conseguem ocultar nossos corpos e Pol acredita que essa é uma das razões pelas quais o plano fracassa toda noite. Porém insistimos, porque em várias ocasiões nos pareceu que víamos alguns ao amanhecer, quando já estávamos cansados.

Nessas horas eu invariavelmente me escondo atrás de algum arbusto, agarrada à minha rede, e cabeceio e sonho com coisas que me parecem férteis. Pol por sua vez se converte numa espécie de animal de caça. Vejo-o se distanciar, agachado entre as plantas, e pode permanecer de cócoras, imóvel, durante muito tempo.

Sempre me perguntei como serão realmente. Conversamos sobre isso várias vezes. Creio que são iguais aos da cidade, só que mais rústicos, talvez mais selvagens. Para Pol, por outro lado, são definitivamente diferentes, e, ainda que esteja tão entusiasmado quanto eu, e não passe uma noite sem que o frio ou o cansaço tentem persuadi-lo a deixar a busca para o dia seguinte, quando estamos entre os arbustos ele se move com certo receio, como se algum animal selvagem pudesse atacá-lo de um momento para outro.

Agora estou sozinha, olhando a estrada da cozinha. Esta manhã, como sempre, nos levantamos tarde e almoçamos. Depois Pol foi ao povoado com a lista de compras e os artigos para a revista. Mas já é tarde, faz tempo que ele devia ter voltado, e ainda não apareceu. Então vejo a caminhonete. Ao chegar em casa me faz sinais pelo para-brisa para que saia. Eu o ajudo com as coisas, ele me cumprimenta e diz:

- Você não vai acreditar.
- Em quê?

Ele sorri e faz sinal para eu entrar. Carregamos as sacolas, mas não as levamos até a cozinha, pois algo está acontecendo e afinal existe alguma coisa a ser contada. Deixamos tudo na entrada e nos sentamos nas poltronas.

– Bem – diz Pol, esfregando as mãos –, conheci um casal; são geniais.

- Onde?

Pergunto somente para que continue falando e então ele diz algo maravilhoso, algo que nunca me ocorreu, e sem demora compreendo que tudo vai mudar.

– Vieram pelo mesmo motivo – conta. Seus olhos brilham e sabe que estou desesperada para que continue – e eles têm um deles, já

vai fazer um mês.

- Eles têm um? Têm um! Não posso acreditar...
- Pol não para de concordar e esfregar as mãos.
- Fomos convidados para jantar. Hoje mesmo.

Alegra-me vê-lo feliz e eu também estou tão feliz que é como se nós também tivéssemos conseguido. Nós nos abraçamos e nos beijamos, e em seguida começamos a nos preparar.

Preparo uma sobremesa e Pol escolhe um vinho e seus melhores charutos. Enquanto tomamos banho e nos vestimos, ele conta tudo o que sabe. Arnol e Nabel vivem a uns vinte quilômetros daqui, numa casa muito parecida com a nossa. Pol a viu porque regressaram juntos, em caravana, até que Arnol tocou a buzina para avisar que viravam e então viu que Nabel lhe apontava a casa. São geniais, diz Pol a cada instante, e sinto certa inveja de que já saiba tanto sobre eles.

- E como é? Chegou a ver?
- Deixam-no em casa.
- Como assim, deixam em casa? Sozinho?

Pol levanta os ombros. Acho estranho que o assunto não lhe chame a atenção, mas assim mesmo peço mais detalhes enquanto prossigo com os preparativos.

Fechamos a casa como se não fôssemos voltar durante um tempo. Colocamos agasalhos e saímos. Durante a viagem levo a torta de maçã sobre a saia, cuidando para que não se incline, e penso nas coisas que vou dizer, em tudo o que quero perguntar a Nabel. Pode ser que quando Pol convide Arnol a um charuto nos deixem a sós. Talvez então possa falar com ela sobre coisas mais privadas; talvez Nabel também tenha usado velas e sonhado com coisas férteis de vez em quando e agora que conseguiram possam nos dizer exatamente o que fazer.

Ao chegar, tocamos a buzina e logo em seguida eles saem para nos receber. Arnol é um sujeito alto e usa jeans e uma camisa vermelha quadriculada; cumprimenta Pol com um forte abraço, como um velho amigo a quem não vê faz tempo. Nabel surge atrás de Arnol e sorri para mim. Acho que vamos nos dar bem. Também é

alta, da altura de Arnol, apesar de longilínea, e se veste quase como ele; me incomoda ter vindo tão bem-vestida. Por dentro a casa parece uma velha pousada de montanha. Paredes e teto de madeira, uma grande chaminé no living e peles sobre o piso e as poltronas. É bem iluminada e calafetada. Realmente não é como eu decoraria minha casa, mas penso que tudo bem e devolvo a Nabel o seu sorriso. Há um delicioso cheiro de molho e carne assada. Parece que Arnol é o cozinheiro; move-se pela cozinha, acomodando algumas travessas sujas, e diz a Nabel que nos convida ao living. Sentamo-nos no sofá. Ela serve vinho, traz uma bandeja com aperitivos e em seguida Arnol se junta a nós. Quero perguntar coisas agora mesmo: como o agarraram, como é, como se chama, se come bem, se já foi examinado por um médico, se é tão bonito como os da cidade. A conversa, porém, alonga-se em assuntos vagos. Arnol consulta Pol sobre os inseticidas. Pol se interessa pelos negócios de Arnol, depois falam das caminhonetes, os lugares onde fazem compras, descobrem que discutiram com o mesmo homem, um que atende no posto de gasolina, e concordam que é um péssimo sujeito. Então Arnol se desculpa porque tem de conferir a comida. Pol se oferece para ajudá-lo e se afastam. Acomodo-me no sofá em frente a Nabel. Sei que devo dizer algo amável antes de perguntar o que gostaria. Felicito-a pela casa, e em seguida pergunto:

– É lindo?

Ela enrubesce e sorri. Olha para mim meio envergonhada e sinto um nó no estômago e morro de felicidade e penso “eles têm um”, “têm um e é bonito”.

– Quero vê-lo – digo. “Quero vê-lo já”, penso, e me levanto. Olho para o corredor esperando que Nabel diga “por aqui”, finalmente poderei vê-lo, pegá-lo no colo.

Então Arnol regressa com a comida e nos convida para a mesa.

– É porque dorme o dia inteiro? – pergunto e dou risada, como se fosse uma piada.

– Ana está ansiosa para conhecê-lo – diz Pol, e acaricia meu cabelo.

Arnol ri, mas, em vez de responder, põe a travessa na mesa e pergunta quem gosta de carne malpassada e quem de mais cozida, e logo estamos comendo. Durante o jantar, Nabel é mais comunicativa. Enquanto eles conversam, nós descobrimos que temos vidas parecidas. Nabel me pede conselhos sobre plantas e então me animo e falo das receitas para fertilidade. Falo delas como algo engraçado, verdadeiros achados, então Nabel logo se interessa e descubro que ela também as praticou.

– E as saídas? As caçadas noturnas? – pergunto, dando risada – As luvas, as mochilas? – Nabel fica um segundo em silêncio, surpreendida, e depois começa a rir comigo.

– E as lanternas! – diz ela e segura a barriga. – E essas malditas pilhas que não duram nada!

E eu, quase chorando:

– E as redes! A rede de Pol!

– E a de Arnol! – diz ela. – Não tenho nem como explicar!

Então eles deixam de falar. Arnol olha para Nabel, parece surpreso. Ela ainda não se deu conta: dobra-se num ataque de riso, golpeia a mesa duas vezes com a palma da mão; parece que gostaria de dizer algo mais, mas mal consegue respirar. Olho para ela, achando-a divertida, olho para Pol, quero comprovar que também está se divertindo, e então Nabel toma ar e, chorando de tanto rir, diz:

– E a escopeta – volta a golpear a mesa. – Pelo amor de Deus, Arnol! Se você parasse de atirar! Nós o teríamos encontrado muito mais rápido...

Arnol olha para Nabel como se quisesse matá-la e afinal solta uma longa risada exagerada. Volto a olhar para Pol, que já não ri mais. Arnol levanta os ombros resignado, buscando em Pol um olhar de cumplicidade. Depois faz o gesto de apontar com uma escopeta e dispara. Nabel o imita. Repetem uma vez mais, apontando um para o outro, já um pouco mais calmos, até que param de rir.

– Ai... Por favor... – diz Arnol, e aproxima a travessa para oferecer mais carne. – Afinal temos com quem compartilhar toda essa coisa... Alguém quer mais?

– Bem, e onde está? Queremos vê-lo – diz enfim Pol.

– Já vão vê-lo – diz Arnol.
– Dorme demais – diz Nabel.
– O dia inteiro.
– Então o vemos dormindo! – diz Pol.
– Ah, não, não – diz Arnol –, primeiro a sobremesa que a Ana fez, depois um bom café, e minha Nabel aqui preparou alguns jogos de mesa. Você gosta de jogos de estratégia, Pol?
– Mas gostaríamos de vê-lo adormecido.
– Não – diz Arnol. – Digo: não faz nenhum sentido vê-lo assim. Para isso, podem vê-lo outro dia qualquer.
Pol me observa um segundo, depois diz:

– Bem, então vamos à sobremesa.
Ajudo Nabel a levar as coisas. Tiro a torta que Arnol acomodara na geladeira, levo-a até a mesa e a preparo para servir. Enquanto isso, Nabel se ocupa do café na cozinha.
– O banheiro? – diz Pol.
– Ah, o banheiro... – diz Arnol e olha para a cozinha, talvez procurando Nabel – é que não funciona bem e...
Pol faz um gesto para diminuir a importância do assunto.
– Onde fica?
Talvez sem querer, Arnol olha para o corredor. Então Pol se levanta e começa a caminhar. Arnol também se levanta.
– Acompanho você.
– Tudo bem, não precisa – diz Pol, já entrando no corredor.
Arnol o segue por uns passos.
– À sua direita – diz. – O banheiro é o da direita.
Sigo Pol com o olhar até que ele finalmente entra no banheiro. Arnol permanece uns segundos de costas para mim, olhando para o corredor.
– Arnol – é a primeira vez que o chamo pelo nome –, posso servir você?
– Claro – responde. Ele me olha e se vira novamente para o corredor.
– Está servido – digo, e empurro o primeiro prato até o lugar. – Não se preocupe, ele vai demorar.

Sorrio, porém ele não responde. Volta para a mesa. Senta-se em seu lugar, de costas para o corredor. Parece incomodado, mas afinal corta com o garfo uma porção enorme de sua sobremesa e a leva à boca. Olho com surpresa para ele e continuo a servir. Da cozinha, Nabel pergunta de que modo gostamos do café. Estou prestes a responder, mas vejo Pol sair silenciosamente do banheiro e cruzar para o outro cômodo. Arnol me olha, aguardando uma resposta. Digo que adoramos café, que gostamos de qualquer jeito. A luz do quarto se acende e ouço um ruído surdo, como algo pesado sobre um tapete. Arnol está em via de se virar para o corredor, então o chamo:

– Arnol – ele olha para mim já começando a se levantar.

Ouço outro ruído; em seguida Pol grita e algo cai no chão, uma cadeira talvez, um móvel pesado que se move e depois coisas que se quebram. Arnol corre até o corredor e pega o rifle que está pendurado na parede. Eu me levanto para correr atrás dele, Pol sai do quarto de costas, sem deixar de olhar para dentro. Arnol segue direto para ele, porém Pol reage, golpeando-o para lhe tomar o rifle, empurra-o para o lado e corre em minha direção. Não consigo entender o que está acontecendo, porém deixo que tome meu braço e saímos. Ouço a porta se fechando lentamente atrás de nós e depois o golpe que volta a abri-la. Nabel grita. Pol sobe na caminhonete e dá a partida, eu subo pelo meu lado. Saímos de marcha a ré e por uns segundos as luzes iluminam Arnol, que corre em nossa direção.

Já na estrada andamos um tempo em silêncio, tratando de nos acalmar. Pol tem a camisa rasgada, quase perdeu por completo a manga direita e no braço sangram uns arranhões profundos. Nos aproximamos de nossa casa a toda velocidade e a toda velocidade nos distanciamos. Olho-o para detê-lo, mas ele respira agitado, as mãos tensas agarradas ao volante. Examina o campo negro por todos os lados, e a parte de trás

pelo espelho retrovisor. Deveríamos diminuir a velocidade. Poderíamos nos matar, caso um animal cruzasse o caminho. Então penso que também se poderia cruzar com um deles: o nosso.

Contudo, Poi acelera ainda mais, como se de dentro do terror de seus olhos perdidos contasse com essa possibilidade.

Pássaros na boca

O carro de Silvia estava estacionado em frente à casa, com os faróis acesos. Fiquei parado, pensando se havia alguma possibilidade real de não atender à campainha, porém dava para escutar o jogo por toda a casa, então desliguei o televisor e fui abrir.

– Silvia – eu disse.

– Olá – respondeu ela, e entrou sem que eu conseguisse dizer nada. – Temos que conversar, Martín – apontou minha própria poltrona e eu obedeci, porque às vezes, quando o passado bate à porta e trata a gente quase como há quatro anos, volto a ser um imbecil. Ela também se sentou.

– Você não vai gostar. É... é barra pesada – olhou o relógio – É sobre a Sara.

– Sempre é sobre a Sara – disse eu.

– Sua filha tem sérios problemas. Você vai dizer que estou exagerando, que sou uma louca, todo esse papo, porém não temos tempo para isso. Venha até minha casa agora mesmo e vai ver com os próprios olhos. Falei que você iria. Sara está esperando.

– O que está acontecendo?

– Não vai levar nem vinte minutos. Depois não quero ouvir você dizer que ela não se integra à sua vida e toda essa merda.

Ficamos em silêncio um momento. Pensei em qual seria o próximo passo, até que ela franziu o cenho, levantou-se e foi até a porta. Vesti meu abrigo e saí atrás dela.

Por fora, a casa parecia igual a sempre, com o gramado recém-cortado e as azaleias de Silvia caindo da sacada do quarto de casal. Cada um desceu de seu carro e entramos em silêncio. Sara estava sentada no sofá. Apesar de as aulas desse ano já terem acabado, ela vestia o uniforme do secundário, que a deixava parecida com essas normalistas das revistas pornô. Estava de pé, com as pernas juntas e as mãos sobre os joelhos, concentrada em algum ponto da janela ou do jardim, como se praticasse um dos exercícios de ioga

da mãe. Eu me dei conta de que, embora já tivesse sido mais pálida e magra, agora transbordava saúde. Suas pernas e seus braços pareciam mais fortes, como se andasse fazendo exercícios durante meses. Seu cabelo brilhava e tinha um leve rosado nas bochechas, como se fosse pintado, porém real. Quando me viu entrar, sorriu e disse:

– Olá, papai.

Minha garota era realmente uma doçura, mas duas palavras eram suficientes para entender que algo ia muito mal com essa menina, algo certamente relacionado com a mãe. Às vezes penso que talvez devesse tê-la levado comigo, porém quase sempre penso que não. A alguns metros do televisor, próxima à janela, havia uma gaiola. Era uma gaiola para pássaros – de uns setenta, oitenta centímetros – pendente do teto, vazia.

– O que é isso?

– Uma gaiola – respondeu Sara, e sorriu.

Silvia me fez um sinal para que a seguisse até a cozinha. Fomos até a janela e ela se voltou para se certificar de que Sara não nos ouvia. Continuava em pé no sofá, olhando para a rua, como se nunca tivéssemos chegado. Silvia me falou em voz baixa.

– Martín. Olha, você vai ter de levar isso com calma.

– Tá, não fode, Silvia. O que está acontecendo?

– Estou mantendo a Sara sem comer desde ontem.

– Tá tirando uma com a minha cara?

– Para que você veja com seus próprios olhos.

– Ah, claro... ficou louca?

Fez um sinal para que voltássemos ao living e apontou o sofá. Eu me sentei diante de Sara. Silvia saiu da casa e a vimos cruzar a janela e entrar na garagem.

– O que acontece com sua mãe?

Sara ergueu os ombros, dando a entender que não sabia. Usava o cabelo negro e liso, preso num rabo de cavalo, e uma franja comprida que chegava quase até os olhos.

Silvia voltou com uma caixa de sapatos. Segurava-a firme, com ambas as mãos, como se fosse algo delicado. Foi até a gaiola, abriu-a, tirou da caixa um pardal muito pequeno, do tamanho de uma bola

de golfe, enfiou-o dentro da gaiola e a fechou. Jogou a caixa no chão e a mandou para o lado com um chute, junto a outras nove ou dez caixas similares que se

somavam sob a escrivaninha. Então Sara se levantou, seu rabo de cavalo reluziu de um lado e do outro da nuca, e foi até a gaiola dando pulos, como fazem as meninas com cinco anos a menos que ela. De costas para nós, colocando-se na ponta dos pés, abriu a gaiola e tirou o pássaro. Não pude ver o que fez.

O pássaro piou e ela fez um pouco de força, talvez porque o pássaro tentasse escapar. Silvia tapou a boca com a mão. Quando Sara se voltou para nós o pássaro tinha sumido. Tinha a boca, o nariz, o queixo e as duas mãos cheias de sangue. Sorriu envergonhada, sua boca gigante se arqueou e abriu, e seus dentes vermelhos me obrigaram a levantar de um salto. Corri até o banheiro, tranquei a porta e vomitei na privada. Pensei que Silvia me seguiria e começaria a me culpar e a lançar acusações do outro lado da porta, mas nada fez. Lavei a boca e a cara, e permaneci escutando diante do espelho. Desceram algo pesado do piso superior. Abriram e fecharam a porta de entrada algumas vezes. Sara perguntou se podia levar com ela a foto da estante. Quando Silvia disse que sim sua voz já estava distante. Abri a porta com cuidado para não fazer barulho e saí ao corredor. A porta principal estava totalmente aberta e Silvia colocava a gaiola no assento traseiro de meu carro. Dei uns passos, com a intenção de deixar a casa gritando-lhes umas coisas, porém Sara saiu da cozinha para a rua e parei de repente para que não me visse. Trocaram um abraço. Silvia a beijou e enfiou-a no banco da frente. Esperei que voltasse e fechasse a porta.

– Que merda...?

– Leve-a. – Foi até o escritório e começou a esmagar e a dobrar as caixas vazias.

– Santo Deus, Silvia, sua filha come pássaros!

– Não aguento mais.

– Come pássaros! Um médico a examinou? Que merda ela faz com os ossos?

Silvia permaneceu olhando para mim, desconcertada.

– Suponho que os engula também. Não sei se os pássaros... – disse e ficou pensando.

– Não posso levá-la.

– Um dia a mais com ela e me mato. Eu me mato, mas a mato antes.

– Come pássaros!

Foi até o banheiro e se trancou. Olhei para fora através da janela panorâmica. Do carro, Sara me cumprimentou alegremente. Tentei me acalmar. Pensei em coisas que me ajudassem a dar alguns passos desajeitados rumo à porta, rezando para que esse tempo fosse suficiente para voltar a ser um homem comum e atual, um sujeito puro e organizado, capaz de ficar dez minutos de pé no supermercado, diante da gôndola de enlatados, certificando-se de que está levando as ervilhas mais adequadas. Pensei em coisas acerca de pessoas que comem pessoas, então comer pássaros vivos não pareceu tão ruim. Também que, de um ponto de vista naturalista, isso era mais sã que a droga, e, socialmente, mais fácil de ocultar que uma gravidez aos treze. Contudo, acho que até o volante do carro, continuei a repetir come pássaros, come pássaros, come pássaros, e assim por diante.

Levei Sara para casa. Eu não disse nada na viagem e quando chegamos ela desceu suas coisas sozinha. Sua gaiola, sua mala – que tinham guardado no porta-malas – e quatro caixas de sapatos como a que Silvia trouxera da garagem. Não pude ajudá-la

com nada. Abri a porta e ali esperei que ela fosse e voltasse com tudo. Quando entramos, indiquei-lhe o quarto de cima. Depois que se instalou, fiz com que ela descesse e se sentasse à minha frente, na mesa da copa. Preparei dois cafés, mas Sara colocou de lado sua xícara e disse que não tomava infusões.

– Você come pássaros, Sara – eu disse.

– Sim, pai.

Mordeu os lábios, envergonhada, e disse:

– Você também.

– Você come pássaros vivos, Sara.

– Sim, pai.

Pensei no que sentiria ao engolir algo quente e em movimento, algo cheio de penas e patas, e tapei minha boca com a mão, como fazia Silvia.

Passaram-se três dias. Sara permanecia todo o tempo sentada, espichada na poltrona com as pernas juntas e as mãos sobre os joelhos. Eu saía cedo para o trabalho e passava o tempo consultando na internet infinitas combinações das palavras "pássaro", "cru", "cura", "adoção". Sabia que ela continuava sentada lá, olhando para o jardim durante horas. Quando entrava em casa, ali pelas sete, e a via tal qual a imaginara durante todo o dia, meus pelos da nuca se arrepiavam e eu sentia vontade de sair e de deixá-la trancada à chave, hermeticamente fechada, como esses insetos que são caçados na infância e guardados em potes de vidro até que o ar acabe. Poderia fazer isso? Quando era garoto vi no circo uma mulher barbada que carregava ratos na boca. Mantinha-os assim um tempo, com a cauda se movendo entre os lábios fechados, enquanto caminhava diante do público, com os olhos bem abertos. Agora pensava nessa mulher quase todas as noites, revirando-me na cama sem poder dormir, considerando a possibilidade de internar Sara num centro psiquiátrico. Talvez pudesse visitá-la uma ou duas vezes por semana. Poderia revezar com Silvia. Pensei nesses casos em que os médicos pedem certo isolamento do paciente, para distanciá-lo da família por uns meses. Talvez fosse uma boa opção para todos, porém não era certo que Sara pudesse sobreviver num lugar assim. Ou sim. De qualquer modo, sua mãe não permitiria. Ou sim. Não conseguia me decidir.

No quarto dia, Silvia veio nos ver. Trouxe cinco caixas de sapatos que deixou junto à porta de entrada, do lado de dentro. Nenhum dos dois disse nada a respeito. Perguntou por Sara e apontei o quarto de cima. Quando desceu, eu lhe ofereci café. Tomamos no living, em silêncio. Estava pálida e suas mãos tremiam tanto que fazia a louça tilintar a cada vez que tornava a apoiar a xícara no pires. Os dois sabíamos o que o outro pensava. Eu podia dizer "isso é culpa sua, é o que você conseguiu", e ela podia dizer algo absurdo

como “isso está acontecendo porque você nunca prestou atenção nela”. A verdade, porém, é que já estávamos muito cansados.

– Eu me encarrego disso – disse Silvia antes de sair, apontando as caixas de sapatos. Eu não disse nada, mas lhe agradei profundamente.

No supermercado as pessoas enchiam seus carrinhos com cereais, doces, verduras e laticínios. Eu me limitava a meus enlatados e entrava na fila em silêncio. Ia ao supermercado

duas ou três vezes por semana. Às vezes, mesmo que não tivesse nada para comprar, passava lá antes de voltar para casa. Pegava um carrinho e percorria as gôndolas pensando no que podia estar esquecendo. À noite, víamos televisão juntos. Sara espichada, sentada em seu lado do sofá, eu na outra ponta, espiando-a de vez em quando para ver se acompanhava a programação ou se mantinha outra vez os olhos cravados no jardim. Eu preparava comida para dois e a levava ao living em duas bandejas. Deixava a de Sara diante dela, e lá a comida ficava. Ela esperava que eu comesse e então dizia:

– Com licença, papai.

Levantava, subia até seu quarto e fechava a porta com delicadeza. A primeira vez baixei o volume da televisão e esperei em silêncio. Ouviu-se um piado agudo e curto. Alguns segundos depois as torneiras do banheiro, e a água correndo. Às vezes ela descia uns segundos depois, perfeitamente penteada e serena. Outras vezes tomava uma ducha e descia diretamente de pijama.

Sara não queria sair. Estudando seu comportamento, pensei que talvez sofresse de algum princípio de agorafobia. Às vezes eu colocava uma cadeira no jardim e tentava convencê-la a sair um pouco. Mas era inútil. Conservava sem sombra de dúvida uma pele radiante de energia e estava cada vez mais bonita, como se passasse o dia se exercitando sob o sol. De vez em quando, ao fazer minhas coisas, encontrava uma pena. No chão, perto da porta, atrás da lata de café, entre as cobertas, ainda úmida na pia da cozinha. Eu a recolhia, tomando cuidado para que ela não me visse fazendo isso, e a jogava na privada. Às vezes a observava ir com a água. Às

vezes a privada voltava a se encher, a água se aquietava outra vez feito um espelho, e eu permanecia ali observando, pensando se seria necessário voltar ao supermercado, se realmente era algo justificável encher os carrinhos com tanto lixo, pensando em Sara, e no que haveria com o jardim.

Uma tarde Silvia ligou para avisar que estava de cama, com uma gripe feroz. Disse que não podia nos visitar. Que não podia nos visitar significava que não podia trazer mais caixas. Perguntou se eu conseguia me virar sem ela. Perguntei se ela tinha febre, se estava comendo bem, se tinha ido ao médico, e, quando a notei suficientemente ocupada com as respostas, disse que precisava desligar e desliguei. O telefone voltou a tocar, porém não atendi.

Vimos televisão. Quando eu trouxe minha comida, Sara não se levantou para ir a seu quarto. Olhou o jardim até que terminei de comer, depois voltou à programação.

No dia seguinte, antes de voltar para casa, passei no supermercado. Coloquei algumas coisas no meu carrinho, o de sempre. Passei entre as gôndolas como se fizesse um reconhecimento do mercado pela primeira vez. Parei na seção de mascotes, onde havia comida para cães, gatos, coelhos, pássaros e peixes. Conferi alguns alimentos para ver de que se tratava. Li do que eram feitos, as calorias que forneciam e as medidas recomendadas para cada raça, peso e idade. Depois fui à seção de jardinagem, onde só havia plantas com ou sem flor, vasos e terra, de modo que voltei outra vez à seção de mascotes e fiquei ali pensando no que faria a seguir. As pessoas enchiam seus carrinhos e se moviam, desviando de mim. Anunciaram

nos alto-falantes a promoção de laticínios do Dia das Mães e tocaram uma canção sobre um sujeito que estava cheio de mulheres, mas sentia falta de seu primeiro amor, até que finalmente empurrei o carrinho e voltei à seção de enlatados.

Essa noite Sara demorou para dormir. Meu quarto fica debaixo do dela, e a escutei caminhar com passos nervosos, deitar-se, voltar a levantar. Perguntei a mim mesmo em que condições estaria o

quarto, não subira desde que ela chegara, talvez o lugar estivesse um verdadeiro desastre, um curral cheio de sujeira e penas.

Na terceira noite depois da ligação de Silvia, antes de voltar para casa, detive-me a ver as gaiolas de pássaros penduradas dos toldos de uma veterinária. Nenhum se parecia com o pardal que vira na casa de Silvia. Eram coloridos, e em geral um pouco maiores. Fiquei ali um tempinho, até que um vendedor se aproximou para perguntar se eu estava interessado em algum pássaro. Disse que não, que de maneira nenhuma, que estava só olhando. Permaneceu ali perto, movimentando caixas, olhando para a rua, depois entendeu que eu realmente não compraria nada e regressou ao balcão.

Em casa, Sara esperava no sofá, espichada em seu exercício de ioga. Nós nos cumprimentamos.

– Olá, Sara.

– Olá, papai.

Estava perdendo suas bochechas rosadas e já não estava tão bem como nos dias anteriores.

– Papi... – disse Sara.

Engoli o que estava mastigando e baixei o volume da televisão, duvidando que realmente estivesse falando, mas ali estava ela, com suas pernas juntas e mãos sobre os joelhos, olhando para mim.

– Que foi? – perguntei.

– Você gosta de mim?

Fiz um gesto com a mão, acompanhado de um assentimento. No conjunto, tudo significava que sim, que evidente que sim. Era minha filha, não? E ainda assim, por via das dúvidas, pensando sobretudo no que minha ex-mulher teria considerado “o correto”, eu disse:

– Sim, meu amor. Claro.

E então Sara sorriu uma vez mais, e olhou para o jardim durante o resto da programação.

Voltamos a dormir mal, ela passeando de um lado para outro do quarto, eu dando voltas em minha cama até acabar adormecendo. No dia seguinte liguei para Silvia. Era sábado, mas ela não atendia o telefone. Liguei mais tarde, e também por volta do meio-dia. Deixei uma mensagem, porém ela não respondeu. Sara permaneceu a manhã inteira sentada no sofá, olhando para o jardim. Tinha o

cabelo um pouco desarrumado e já não se sentava tão espichada; parecia muito cansada. Perguntei-lhe se estava bem e ela disse:

- Sim, papai.
- Por que não sai um pouco para o jardim?
- Não, papai.

Pensando em nossa conversa da noite anterior, me ocorreu que podia lhe perguntar se gostava de mim, mas logo em seguida isso me pareceu uma estupidez. Tornei a ligar para Silvia. Deixei outra mensagem. Em voz baixa, cuidando para que Sara não me ouvisse, disse para a secretária eletrônica:

- É urgente, por favor.

Esperamos sentados cada um em sua poltrona, com a televisão ligada. Algumas horas mais tarde, Sara disse:

- Com licença, papai.

Trancou-se em seu quarto. Desliguei a televisão e fui até o telefone. Levantei o fone uma vez mais, ouvi o sinal e desliguei. Fui de carro até a veterinária, procurei o vendedor e lhe disse que necessitava de um pássaro pequeno, o menor que tivesse. O vendedor abriu um catálogo de fotografias e disse que os preços e a alimentação variavam de uma espécie para outra. Golpeei a bancada com a palma da mão. Algumas coisas saltaram sobre o balcão e o vendedor ficou em silêncio, olhando para mim. Apontei um pássaro pequeno, escuro, que se mexia nervoso de um lado para outro em sua gaiola. Cobraram-me cento e vinte pesos e o entregaram em uma caixa quadrada de papelão verde, com pequenos orifícios ao redor e, na tampa, um folheto do criador com a foto do pássaro na frente e um saco grátis de alpiste, que não aceitei.

Quando voltei, Sara continuava trancada. Pela primeira vez desde que ela estava em casa, subi e entrei no quarto. Estava sentada na cama diante da janela aberta. Olhou para mim, mas nenhum dos dois disse nada. Estava tão pálida que parecia adoentada. O quarto estava limpo e ordenado, a porta do banheiro entreaberta. Havia umas trinta caixas de sapato sobre a escrivaninha, todas desmontadas – de modo a não ocupar tanto espaço – e empilhadas ordenadamente umas sobre as outras. A gaiola estava pendurada,

vazia, perto da cama. No criado-mudo, perto do suporte, o retrato que trouxera da casa da mãe. O pássaro se moveu e suas patas puderam ser ouvidas sobre o papelão, contudo Sara permaneceu imóvel. Deixei a caixa sobre a escrivaninha, saí do quarto e fechei a porta. Então percebi que não me sentia bem. Eu me apoiei na parede para descansar por um momento. Olhei o folheto do criadouro, que ainda carregava nas mãos. No verso havia informações acerca dos cuidados com o pássaro e de seus ciclos de procriação. Ressaltavam a necessidade da espécie de estar em casal nos períodos férteis e as coisas que podiam ser feitas para que os anos de cativeiro fossem o mais amenos possível. Ouvei um piado breve, e depois a torneira da pia do banheiro. Quando a água começou a correr, senti-me um pouco melhor e soube que, de alguma forma, eu me viraria para descer a escada.

Leia mais na edição integral

(disponível nas versões impressa e digital)

www.benvira.com.br

Apresentação

Irman

Mulheres desesperadas

Na estepe

Pássaros na boca

Perdendo velocidade

Cabeças contra o asfalto

Rumo à alegre civilização

O cavador

Fúria das pestes

Sonho de revolução

Matar um cão

A medida das coisas

A verdade sobre o futuro

A mala pesada de Benavides

Conservas

Meu irmão Walter

Papai Noel dorme em casa

Debaixo da terra

Sinopse

As dezoito histórias aqui reunidas começam com situações cotidianas que vão, pouco a pouco, assumindo contornos perturbadoramente insólitos, por vezes aterrorizantes. São homens e mulheres, jovens e crianças diante de um mundo hostil em que, de um instante para outro, sem qualquer ruptura ou explicação, o que parecia normal deixa de ser, e de maneira irreversível.

Dona de uma escrita precisa e sóbria, Samanta expõe sua visão peculiar da natureza humana, em que convivem o lirismo e a crueldade, a apatia e a fúria.

Ao realçar essa dualidade, a autora explora também a fragilidade das relações, que, em seus contos, parecem estar sempre a um passo da ruína.

Sobre o Autor

Samanta Schweblin nasceu em Buenos Aires, em 1978. Formou-se em cinema pela Universidad de Buenos Aires. Em 2001, ganhou os prêmios Fondo Nacional de las Artes e Haroldo Conti, ambos na Argentina, por seu primeiro livro, *El núcleo del disturbio*. Em 2008, foi a vez de *Pássaros na boca* ser agraciado com o prêmio Casa de las Américas. Seus contos, traduzidos para o alemão, inglês, holandês, húngaro, italiano, francês, sueco e sérvio, apareceram em diversas publicações e antologias. Em 2010, Samanta foi apontada pela revista literária *Granta* como uma revelação entre os melhores escritores jovens de língua espanhola.